

Tarefa 23 – Professora Vanessa

TEXTO: 1 - Comuns às questões: **01, 02, 03, 04, 05.**

Dá pra desenhar?

(Marcelo Gruman)



1º§ Numa cena de um de meus comediantes favoritos, Jerry Seinfeld¹, seu amigo neurótico George se vê às voltas com a necessidade de resgatar alguns livros deixados na casa de uma moça com quem acabou de terminar um relacionamento. Jerry não vê problema algum, mas George não gosta da ideia. Jerry, então, diz para o amigo esquecer os livros, perguntando-lhe se realmente precisa deles. George diz que sim, que precisa dos livros, e Jerry pergunta por quê. George responde que os livros são seus e que, por isso, precisa deles. E por que precisa deles?, insiste Seinfeld. George exclama simplesmente “são livros!”. Seinfeld indaga, então: “Que obsessão é essa com os livros? As pessoas os colocam em suas casas como se fossem troféus. Para que você precisa deles depois de serem lidos?”. E ironiza, finalmente, “Sabe, o legal de ler *Moby Dick*² pela segunda vez é que *Ahab* e a baleia ficam amigos”.

º§ Quando abro a porta de meu apartamento dou de cara com uma estante cheia de livros, meus troféus. Ali estão meus favoritos da literatura brasileira, João Ubaldo, Veríssimo, Rubem Fonseca, Nelson Rodrigues, Cony, e também os estrangeiros, Saramago, Roth, Dostoiévski, Tchekhov e muitos outros. Também me orgulha uma pequena biblioteca de livros com a temática judaica e outra com obras que fizeram e fazem parte de minha formação antropológica. A reação de quem se depara com as prateleiras cheias de livros é variada, há quem exclame maravilhado com os títulos ali dispostos, há quem pergunte, à *la Seinfeld*, para que tanto livro, para que acumular poeira e traças. No quarto de meu filho, a galeria de troféus aumenta um pouco a cada mês, somando-se ao folclore brasileiro e gibis da Turma da Mônica e Batman estórias da porquinha Olivia em português e espanhol e clássicos da literatura estrangeira, como *The cat in the hat*. A escola faz a sua parte, o troca-troca de livros entre os colegas e a ida semanal à biblioteca garante que, pelo menos, dois livros sejam lidos fora do horário de estudos formal, geralmente à hora de deitar para dormir.

3º§ Damos importância ao livro e, sobretudo, à leitura. Claro, para ler um livro, é preciso, primeiro, saber ler. Cultivamos o hábito da leitura, cultivamos o intelecto, a leitura como instrumento para gerar a autonomia, para a construção da própria trajetória de vida, para a compreensão e interpretação do mundo que nos cerca a partir do nosso ponto de vista, e não de terceiros, uma empobrecida leitura mastigada, enviesada e, muitas vezes, coalhada de preconceitos e estereótipos. A capacidade de ler permite o acesso a mundos até então desconhecidos, do *Saci Pererê*, do *Lobo Mau*, da *Chapeuzinho Vermelho*, da *Mula Sem Cabeça*. Permite a construção de nossa identidade, daquilo que somos, ou melhor, que estamos, porque aquilo que somos pode mudar sempre, é só querermos. Nada mais emocionante do que ver seu filho, de repente, ler o letreiro de uma loja, pela primeira vez. Um novo mundo se abre: um mundo de possibilidades infinitas, mundos infinitos.

4º§ Para mim, o livro tem de ter cheiro, às favas com minha alergia à poeira. Eu preciso manuseá-lo, tocá-lo, virar suas páginas. O livro é parte constituinte de quem sou, de minha identidade, é extensão de meu corpo, está impregnado de memória, da minha memória, da minha história. Livro não é produto biodegradável, descartável, pós-moderno, do tipo “lavou, está novo”. O livro estabelece ligações afetivas. Lembro-me de um colega de faculdade comentando, certa vez, com certa excitação, que havia encontrado, num sebo, determinado livro que a namorada procurava fazia não sei quanto tempo. O tesouro seria dado como presente de aniversário. Poderia ser o *Harry Potter* ou *Cinquenta tons de cinza*, boa literatura, má literatura, o importante é ler...

5º§ As livrarias no Rio de Janeiro estão desaparecendo, sobretudo os sebos, que teimam em comercializar objetos sujos de história. [...] É a tal “civilização digital”. Se não digital, do *kindle*³ e do *iPhone*⁴, do ambiente



asséptico, inodoro, impessoal de cadeias livres como Cultura, Travessa ou Saraiva, padronizadas. Chegamos à era da “mcdonaldização” do hábito de ler. Sem passado, sem futuro, um presente contínuo.

6º§ Não bastasse o desprestígio do livro físico, vivemos o “triunfo total da não-leitura”, conforme o editor de não-ficção e literatura brasileira da Editora Record, Carlos Andreazza, que resolveu lançar a campanha pela “maioridade intelectual”, que considera uma provocação à onda dos livros de colorir. Para ele, o editor também é um educador e tem a obrigação de atrair o leitor jovem-adulto, ampliando o público leitor como uma resposta saudável a esta atração cultural que é “o livro de unir os pontinhos”, como ironicamente o define Joaquim Ferreira dos Santos. Andreazza diz que, hoje, somos obrigados a falar redundâncias bárbaras como “livro para ler”. Uma piada de mau gosto porque livro pressupõe leitura.

7º§ [...] Há não muito tempo, perguntávamos a quem não entendia o que falávamos se gostaria que desenhássemos a explicação. Era uma brincadeira, uma forma de infantilizar o interlocutor. Chegou o dia em que a piada perdeu a graça, porque deixou de ser piada.

(Fonte: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Da-pra-desenhar-/39/33645>>, texto adaptado. Acesso em: 03 set. 2015)

Vocabulário de apoio:

1- Jerome “Jerry” Allen Seinfeld – ator e humorista norte-americano, atua em Nova Iorque, EUA.

2- Moby Dick – romance do autor estadunidense Herman Melville. O nome da obra é o de uma baleia enfurecida, de cor branca, que conseguiu destruir baleeiros que a haviam ferido. Originalmente foi publicado em três fascículos com o título de *Moby-Dick* ou *A Baleia*, em Londres, em 1851, e, ainda no mesmo ano, em Nova York, em edição integral. O livro foi revolucionário para a época, com descrições intrincadas e imaginativas das aventuras do narrador – Ismael, suas reflexões pessoais, e grandes trechos de não-ficção, sobre variados assuntos, como baleias, métodos de caça a elas, arpões, a cor branca (de Moby Dick), detalhes sobre as embarcações e funcionamentos, armazenamento de produtos extraídos das baleias.

3- kindle – leitor de livros digitais desenvolvido pela subsidiária da *Amazon*, que permite aos usuários comprar, baixar, pesquisar e, principalmente, ler livros digitais, jornais, revistas, e outras mídias digitais via rede sem fio.

4- iPhone – linha de *smartphones* (telefones celulares multifuncionais) concebidos e comercializados pela *Apple Inc.*

01. No texto, o livro **NÃO** se associa à ideia de

- objeto de desejo.
- recurso de memória.
- acumulador de poeira.
- instrumento de *status social*.

02. Releia o trecho

“Andreazza diz que, hoje, somos obrigados a falar redundâncias bárbaras como ‘livro para ler’”.

A sentença em que também ocorre um exemplo de redundância é:

- “Vi ela na esquina”.
- “É preciso correr contra o tempo”.
- “Ana guardou seu anel na gaveta”.
- “Não havia meio de fazê-lo voltar atrás”.

03. A opção em que o sentido da palavra grifada está corretamente indicado entre colchetes é:

- Cultivamos o hábito da leitura, cultivamos o intelecto, a leitura como instrumento para gerar a **autonomia**, para a construção da própria trajetória de vida (...) [dependência]
- É a tal “civilização digital”. Se não digital, do *kindle* e do *iPhone*, do ambiente **asséptico**, inodoro, impessoal de cadeias livres como Cultura, Travessa ou Saraiva, padronizadas. [contaminado]
- (...) para a compreensão e interpretação do mundo que nos cerca a partir do nosso ponto de vista, e não de terceiros, uma empobrecida leitura mastigada, **enviesada** e, muitas vezes, coalhada de preconceitos e estereótipos. [linear]
- (...) para a compreensão e interpretação do mundo que nos cerca a partir do nosso ponto de vista, e não de terceiros, uma empobrecida leitura mastigada, **enviesada** e, muitas vezes, coalhada de preconceitos e **estereótipos**. [clichês]

04. O emprego das aspas em “lavou, está novo” (4º parágrafo), tem a função de

- ressaltar a ironia do trecho.
- ênfaticamente a opinião do autor.
- indicar a reprodução de uma ideia ou slogan.
- apontar a citação textual da fala de outra pessoa.



05.

Mundo Monstro



(Folha de São Paulo, 29/02/2012)

Considere as afirmações relacionadas à leitura dos textos.

- I. O texto **Dá pra desenhar?** faz uma crítica ao surgimento de livrarias na atualidade; o texto **Mundo Monstro** faz uma crítica ao leitor jovem.
- II. O texto **Dá pra desenhar?** critica o apelo mercadológico no mercado editorial, especialmente ao falar em "mcdonaldização" do hábito de ler; o texto **Mundo Monstro** critica comportamentos consumistas que não valorizam o livro.
- III. Ambos os textos criticam hábitos contemporâneos relacionados à prática da leitura.
- IV. Ambos os textos criticam a juventude contemporânea.

Estão corretos os itens

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I, II, III e IV.